

JOSÉ ROBERTO CALÇADA CARVALHO

A COOPERAÇÃO ATRAVÉS DAS ATIVIDADES FÍSICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação “*lato senso*” em Educação Física Escolar , do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Educação Física Escolar

Orientador: Prof. Ms. Tomaz L. Ribeiro

Niterói
2000

JOSÉ ROBERTO CALÇADA CARVALHO

A COOPERAÇÃO ATRAVÉS DAS ATIVIDADES FÍSICAS

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pós-Graduação “lato sensu” em
Educação Física Escolar, do Departamento de
Educação Física e Desporto da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do
Grau de Especialista em
Educação Física Escolar*

Aprovada em dezembro de 2000

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Tomaz L. Ribeiro – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Ms. Nelson Teixeira de Carvalho
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2000

À *Maria Cristina Moraes*, incansável
companheira que soube incentivar-me
em todos os momentos de elaboração
deste trabalho, principalmente nos
instantes mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo encorajamento dado durante a feitura deste trabalho.

Às Diretoras das Escolas Rotary Especial e Regular Lúcia Maria e Bradamante pela compreensão na disponibilização do tempo necessário à realização desta monografia.

Ao Agente de Informação do Consulado do Canadá em São Paulo – Maigon N. Pontuschka pela atenção dispensada.

E sobretudo aos meus alunos que são a minha inesgotável fonte de inspiração.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	1
2 – A COMPETIÇÃO COMO FATOR DESAGREGADOR DA SOCIEDADE ..	2
3 - SERÁ A COMPETIÇÃO ALGO NATURAL AO SER HUMANO?	3
4 - O PAPEL DA EDUCAÇÃO.	5
5 - A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DESEJADA	7
5.1 - Atividades Cooperativas, Semi Cooperativas e Atividades Não Competitivas..	8
5.2 -Situações que não podem ocorrer para que as Atividades Cooperativas, Semi Cooperativas e Não Competitivas realmente se efetivem nas aulas	14
6 – CONCLUSÃO	18
7 – METODOLOGIA UTILIZADA	19
8 - BIBLIOGRAFIA	21

1- INTRODUÇÃO

Neste estudo parte-se da constatação que a competição desagrega, quando não tem na cooperação o saudável contraponto, que estimula a preocupação com o outro. Com o estímulo competitivo somente, tendemos a ter indivíduos que traçam seus objetivos pessoais com um mínimo de responsabilidade social.

Analisamos depois que, independente do caráter competitivo ser inato ou não, cabe a educação o papel crucial no estímulo à cooperação e ao estabelecimento de limites éticos à competição na vida em sociedade.

Também discutimos que, no tocante a educação formal de crianças e jovens, é responsabilidade da escola de maneira geral criar um ambiente onde a cooperação entre alunos, professores, funcionários, enfim de toda a comunidade escolar seja a tônica.

Por último, que neste contexto escolar a educação física tem a sua contribuição a dar. As atividades físicas cooperativas, semi cooperativas ou não competitivas, podem predispor a uma maior camaradagem entre os alunos. Do mesmo modo a prática destas atividades pode ajudar futuramente a que estes alunos tenham um comportamento mais responsável socialmente, quando atingirem a maioridade e terem melhores condições de intervir.

2- A COMPETIÇÃO COMO FATOR DESAGREGADOR DA SOCIEDADE

Vivemos em um país que tem na competição o seu paradigma em termos de desenvolvimento. Este modelo, todavia gera antagonismos entre os cidadãos, pois nem todos podem ser vencedores. Há o imperativo que existam os vencidos para que o próprio sistema competitivo funcione. Deste modo, surge uma legião de excluídos (os derrotados), tanto em uma competição esportiva quanto na busca por emprego, exemplificando. Embora a competição seja a forma de garantir-se a eficiência no trabalho, no esporte, etc., no modelo capitalista, não se justifica que este deixe de garantir oportunidades de promoção social para aquelas pessoas que não atingiram o primeiro lugar.

Portanto, uma sociedade que baseie a sua continuidade no imperativo da existência de excluídos, não pode ser uma sociedade saudável. Não se compreende, em termos humanos, que um número expressivo de indivíduos tenham que viver em situação precaríssima de vida. Cabe à sociedade e mais especificamente ao governo assegurar a todos os cidadãos as condições gerais de ascensão social. Em um mundo em constante transformação tecnológica, com mudança de hábitos e costumes, uma das condições mínimas a ser garantida é o acesso à educação de qualidade.

3- SERÁ A COMPETIÇÃO ALGO NATURAL AO SER HUMANO?

Desde de que a vida surgiu na face da terra, o caráter competitivo sempre esteve em evidência. A luta pela sobrevivência sempre caracterizou o comportamento dos seres vivos, incluindo-se aí o ser humano. Os animais pré-históricos maiores alimentavam-se dos menores. Os homens, isoladamente ou em pequenos grupos, movimentavam-se procurando defender-se das feras e à procura de alimento (nomadismo). Com a fixação destes formando tribos, as disputas passaram a ser entre grupos sociais na defesa de seus territórios. Estes grupos não hesitavam em exterminarem-se uns aos outros, na busca de sua subsistência.

Ao longo da história da humanidade esta disputa selvagem pela vida vem sendo alterada. De tribos a sociedades e de sociedades que se sucederam a outras sociedades. Temos ainda hoje muitas tribos e vários tipos de sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento social.

Desde a revolução industrial tivemos uma evolução mais rápida do capitalismo. Ora excessivamente selvagem ora mais atenuado, ou seja, competição mais ou menos acirrada. É bem verdade que a partir de 1917 (revolução russa) tivemos as contribuições trazidas pelo socialismo para a vida em coletividade, destacando-se o valor da cooperação em sociedade, servindo de contraponto à máxima da competitividade. Hoje vivemos o neoliberalismo, que é uma mudança em direção ao capitalismo mais selvagem, no qual se tenta diminuir a ação do governo ao mínimo dos mínimos, quando na verdade o governo não deveria ser mínimo nem máximo e sim o necessário.

As idéias marxistas tiveram o mérito de criticar os defeitos do capitalismo, e no tocante à discussão desta monografia, a importância da cooperação contrapondo-se à competição. Não sabemos ainda se aquelas idéias estão ou não corretas. A derrocada da União Soviética pode ter sido causada pela imperfeição na adoção das mesmas.

Mesmo com a possibilidade das idéias de Marx terem sido adotadas de forma inadequada, é inegável a contribuição dada por ele no sentido de ser estimulado um outro padrão de comportamento social, no caso a cooperação, desde que a sociedade tenha a possibilidade de construir este valor. Possibilidade esta que existe principalmente quando há espaço no sistema educacional para tal. Desta forma a educação formal trabalhará com o educando a humanização das relações interpessoais.

Relações estas que passam, entre outras manifestações, pela vida familiar, no círculo de amizades e pelo mundo do trabalho.

As preocupações de Marx com uma vida onde houvesse um respeito maior entre os indivíduos vieram contrabalançar a maneira utilitária dada pelo capitalismo ao ser humano, ou seja, o homem só tinha valor enquanto fosse útil em uma dada unidade de produção. Até então não havia preocupação em reaproveitá-lo de algum modo.

As teorias de Marx indiretamente fizeram a crítica à seleção natural das espécies defendida por Darwin, onde a competição acirrada entre os seres vivos era encarada como natural, incluindo aí também o homem. Competição esta que mais tarde veio respaldar o próprio sistema capitalista.

“No reino animal, a sobrevivência darwiniana dos mais capazes, a competição máxima pelas presas, pelo alimento, ainda prevalece. Poder-se-ia portanto dizer, talvez, que a competição é, como resultado, “natural” sendo os argumentos contra ela irrealistas, idealistas ou impraticáveis. Contudo, se nos víamos apenas como outros animais, que não se distinguem das feras, nunca poderemos elevar-nos acima deles. Os seres humanos têm a capacidade de superar as tendências biológicas tanto individualmente como enquanto espécie”. (DAN MILLMAN, 1994, P.142)

Portanto, embora o caráter competitivo esteja presente nos seres vivos desde os primórdios da vida na terra, em se tratando do ser humano, este pode e deve ser educado a fim de não ser uma fonte de instabilidade social (como infelizmente vem sendo) e colaborar de algum modo para o avanço da própria civilização.

4-O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Cabe a educação promover cidadãos conscientes. Deste modo estes cidadãos terão melhores condições de construir uma sociedade mais justa, onde as pessoas possam ser mais felizes. Entendendo-se por consciência e justiça a busca desta sociedade em gerar as mesmas possibilidades de ascensão social para todos, criando espaços de acordo com as aspirações, capacidade de trabalho e talento de cada indivíduo. Esta é a base de toda sociedade verdadeiramente democrática.

O compromisso que toda sociedade responsável deve assumir com um mínimo de harmonia social, contrapõe-se à competição desumana (característica do capitalismo selvagem), que acarreta uma possibilidade de melhoria social restrita a pouquíssimas pessoas.

Entretanto, para que o regime democrático seja realmente justo e possa humanizar as relações econômicas, interessante seria introduzir um outro padrão de comportamento social no cotidiano dos cidadãos, em questão o valor da cooperação.

Restringindo-me ao campo do esporte e lazer, acredito que seja interessante expor aqui um comportamento social relatado por Orlick - professor canadense - quando de sua vivência na República Popular da China, no sentido de estimular a cooperação entre as pessoas, que abaixo destaco. Ressalvando porém a necessidade de adaptação desta experiência à realidade brasileira e a salvaguarda da nossa estrutura político democrática há pouco tempo reconquistada.

“Muitas fábricas e comunas, bem como as escolas, têm as suas próprias instalações e times esportivos. As instalações são construídas pelo próprio povo. Os estudantes fazem e reparam o equipamento esportivo da escola, inclusive os aparelhos de ginástica e as mesas de ping-pong. Se os operários de uma fábrica desejam ter uma quadra de basquetebol, reúnem-se e constroem-na. Essas tarefas unem as pessoas no trabalho com objetivos comuns e mutuamente benéficos. Também promovem a autoconfiança e ao que se sabe, ajudam a cultivar o hábito de cuidar da propriedade pública”. (ORLICK, 1989, p.54-57)

Por conseguinte, caberia principalmente à educação e sociedade em geral fomentar o surgimento de ambientes cooperativos na vida social, em destaque no âmbito escolar. Desde cedo os alunos teriam a possibilidade de conviver com a prática da cooperação entre eles, conhecendo uma outra maneira de relacionamento social além do competitivo.

Futuramente, ao atingirem a maioria, é possível que fizessem a crítica à própria sociedade competitiva, pois exercitaram a cooperação entre eles durante a vida escolar. Ao criticarem o poder público ou mesmo fazendo parte dele teriam condições de contribuir na construção de uma sociedade mais cooperativa.

Como esta contribuição é algo que passa de geração a geração, é provável que o valor cooperação de fato enriqueça o nosso processo civilizatório.

5-A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DESEJADA

Fazendo parte do processo educacional, a educação física escolar pode e deve ser um ótimo meio de estímulo à cooperação, resolvendo os conflitos coletivamente e não somente em favor dos mais competentes em detrimento dos menos capazes.

O estímulo à cooperação tem mais a ver com o ambiente onde as aulas de educação física acontecem, do que propriamente com o tipo das atividades. Até mesmo em um torneio de futebol, atividade essencialmente competitiva, deve haver um ambiente cooperativo. Cooperação esta que se expressa, por exemplo, na composição de times equilibrados. Não adianta uma equipe cheia de bons jogadores e uma outra com alunos menos hábeis. Um placar dilatado em favor dos “craques” desestimula a todos. Aos “craques” pela extrema facilidade encontrada e aos “perebas” pela falta de condições dos mesmos em equilibrar a partida.

Conclui-se portanto, que contestes, torneios e campeonatos escolares quando organizados sem levar em conta o conjunto dos alunos, envolvendo apenas aqueles com maior destreza, desconsiderando os colegas menos aptos, enfatizam o ambiente competitivo, nada contribuindo no incentivo à solidariedade entre os estudantes.

Todavia, a título de incentivar mais ainda o sentido de cooperação entre os alunos, é interessante que o professor de educação física apresente a eles atividades que sejam por si mesmas cooperativas, semi cooperativas ou ao menos não competitivas. Atividades estas que nada ou muito pouco apresentem de incentivo à competição.

Entendendo-se que as práticas cooperativas significam um ambiente que propicie a ajuda mútua entre os alunos. As atividades semi-cooperativas devem ser entendidas como uma cooperação parcial (oscila entre cooperação e competição). E as atividades não competitivas, como o próprio nome diz, são realizadas sem que haja competição do mesmo modo que não há cooperação. O parâmetro de desempenho do estudante é ele mesmo.

Em seguida irei explicar com maiores detalhes estas três formas de prática das atividades físicas, que estimulam a cooperação entre os alunos ou ao menos atenuam o caráter competitivo entre os mesmos.

5.1. Atividades Cooperativas, Semi Cooperativas e Atividades Não Competitivas.

Compreendida a importância da cooperação na vida social e como esta deve ser desenvolvida no ambiente escolar, é chegada a hora das aulas de educação física proporcionarem o ambiente adequado para que a prática das atividades cooperativas, semi cooperativas e as não competitivas possam na verdade acontecer. A prática destas atividades deve envolver os alunos a partir das primeiras séries escolares.

Por conseguinte, com as séries mais novas, desenvolver as atividades sem a preocupação com resultados. Se for possível, um ambiente agradável ajuda. O subir em uma árvore onde um colega auxilia o outro é um bom exemplo.

Em relação às séries mais adiantadas, é interessante adotar o hábito de dar, aos alunos mais avançados/habilidosos, a tarefa de ajudar os menos talentosos/avançados. Esta prática irá estreitando a amizade e o vínculo afetivo entre eles através da colaboração.

No caso do desenvolvimento de uma unidade de ensino, por exemplo o basquetebol, é interessante colocar um ou mais alunos auxiliando o professor de educação física no ensino dos fundamentos aos colegas com mais dificuldades.

Podemos ainda abordar os esportes coletivos de modo semi cooperativo. Este modo não prioriza a noção de vencedor e vencido. Enfoca o seu desenvolvimento no dinamismo das atividades, no prazer contido nestas e na imprescindível cooperação que tem que haver entre todos, mesmo que estejam momentaneamente em equipes opostas.

No futebol e no basquetebol, exemplificando, haverá a alternância de jogadores entre as equipes de forma que o conceito de cooperação seja vivenciado por todos, em razão das equipes não serem fixas. A alternância de jogadores permite também a que tenhamos partidas equilibradas, com o mesmo grau de motivação das mesmas. Deixará de haver o “vareio” de um time sobre o outro, que praticamente limita a satisfação em jogar à equipe que estiver na frente.

Retomando o voleibol, a mudança imediata do sacador da equipe terá o mesmo propósito acima, isto é, manter a partida equilibrada. Após o saque, o sacador correrá para a mesma posição no outro time, forçado um rodízio do mesmo. Sendo assim, o jogador da posição 2 trocará de time e ocupará o lugar do sacador que iniciou a sequência. Haverá a mudança de equipe de todos os jogadores por diversas vezes ao longo de uma partida, diminuindo sensivelmente a noção de time vencedor e time

vencido ao término da mesma. Todos jogarão em ambos os times. Além do mais, será uma atividade extremamente dinâmica e motivante; dinâmica pelos constantes deslocamentos dos alunos e motivante pela idéia de sucesso comum compartilhado, pois todos acreditam que venceram a partida.

Uma outra maneira de estimular o valor cooperação é colocar desafios onde toda a turma terá que unir-se para a realização destes. Superar uma dada distância andando ou correndo onde cada aluno ou grupo ficará responsável por um respectivo trajeto, é um bom exemplo. O término desta atividade se dará quando o somatório destes percursos completar a distância preestabelecida no início da tarefa.

Além da distância a superação de um tempo pré determinado é também um critério interessante. Em escolas que disponham de piscina a mesma atividade pode ser feita com a natação.

Observo também que alguns alunos das séries mais adiantadas prestam atenção nas aulas da garotada mais nova. Quando estimulados por mim a ajudarem no desenvolvimento da aula, o fazem com satisfação. Demonstram os movimentos mais difíceis e procuram dar segurança aos alunos mais novos.

Com relação aos torneios e campeonatos envolvendo diversas escolas, as equipes devem ser formadas mesclando-se os alunos das várias escolas. Não é um evento competitivo entre as escolas propriamente; são novos times com alunos de escolas diferentes. O rendimento técnico-tático não deve ser valorizado neste evento, provavelmente prejudicado pela falta de entrosamento entre os alunos.

Um torneio ou campeonato nestes moldes ajudará a dar um sentido mais humano e social ao esporte. A rivalidade competitiva será atenuada em razão de termos em vários times alunos da mesma escola e pela possibilidade de novas amizades serem formadas entre estudantes de escolas diferentes.

Possibilita também aos alunos a oportunidade de participar das atividades não competitivas. Entendendo-se não competitivas aquelas atividades onde não há competição comparativa entre os alunos; que não significa necessariamente que vá haver cooperação entre os estudantes. Estes podem participar por si mesmos das atividades apenas pelo prazer contido nelas. As atividades não competitivas podem ser também uma boa maneira do aluno ater-se ao próprio desempenho, avaliando ele mesmo se houve avanço ou não em seu rendimento em relação aos anteriores.

Uma corrida de obstáculos onde cada aluno procure transpô-los ao seu modo, correndo de frente, de costas, pulando em um dos pés ou mesmo de mãos dadas

com o colega é uma atividade que pode ser desenvolvida de modo não competitivo; além de ser um ótimo meio de estímulo à criatividade.

A história em quadrinhos abaixo ilustra ainda mais o exposto:



FIG 1: TIRA DE BILL WATTERSON – JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO - 1990

Após as várias atividades cooperativas, semi-cooperativas ou não competitivas, discutir com os alunos a diferença que existe entre as atividades físicas desenvolvidas desta forma e da maneira competitiva conhecida. Esta discussão poderá ser uma forma interessante de reflexão sobre a temática competição/cooperação. Do mesmo modo perguntar em qual das maneiras reside um maior grau de satisfação. Creio que deste debate sairão colocações interessantes, que poderão ser utilizadas na análise da importância das atividades físicas competitivas e cooperativas em termos educacionais.

Esta conversa poderá ocorrer também no que diz respeito à utilização da quadra de esportes, dos espaços livres da escola e do material de educação física. Cada grupo de alunos utilizará estas áreas por um tempo determinado, para jogar a sua “pelada”, brincar de elástico ou outra atividade qualquer, dando a vez para outro grupo mais tarde. Assim sendo, terminarão aquelas disputas por espaços para a recreação, mostrando aos alunos que é um direito de todos o uso dos locais comuns da escola.

Do mesmo modo que os alunos em geral tem o direito de utilizar os espaços da escola de maneira organizada, o mesmo princípio deverá ser aplicado ao material (grupo de alunos usando a mesma bola de futebol, basquete, vôlei, etc). Como é rara a valorização dos bens da escola de modo comunitário, o aluno tende a achar que a bola é dele somente, mesmo quando a realidade da escola indique o contrário, isto é, a carência de material de educação física e mais do que nunca confirme a necessidade do material ser compartilhado.

Tenho vivenciado em uma escola da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro e do mesmo modo em atividades extra-classe, uma experiência muito rica. Nesta, alunos do ensino regular e especial (com dificuldades de ordem física e/ou

mental) participam conjuntamente das aulas de educação física. Embora haja a minha intervenção, priorizando as atividades cooperativas, estas tem acontecido cada vez mais de maneira espontânea. Não é difícil observar a manifestação de uma série de atividades físicas cooperativas. Além do papel de “espelho” (servem de modelo na execução de um dado movimento) que os alunos do ensino regular desempenham em relação àqueles do ensino especial, estes também auxiliam de maneira espontânea no deslocamento de alguns alunos “cadeirantes” (usam cadeiras de roda) da quadra de esportes para a sala de aula e vice-versa.

É fácil também notar que entre os próprios alunos especiais a cooperação é comum nas aulas de educação física. Os mais velhos ou com graus mais leves de dificuldades, procuram ajudar os mais novos ou menos habilitados em uma partida adaptada de futebol, basquetebol ou em qualquer outro movimento. Este espírito de solidariedade do mesmo modo se manifesta entre os alunos do ensino especial em relação àqueles mais novos do ensino regular.

Neste trabalho, em raros momentos tenho notado alguma necessidade de inserir atividades ou jogos competitivos. Mesmo os desportos são praticados sem a preocupação primeira com o resultado. Embora tenhamos um time vencedor e outro vencido, quando não há o empate, o interesse maior dos alunos é conseguir executar os movimentos, que para eles já é uma grande vitória e também auxiliar os colegas com mais dificuldades na dinâmica das partidas.

A propósito, a título de enriquecimento do valor da cooperação na formação dos indivíduos, é importante citar o acontecido nas Olimpíadas Especiais na cidade americana de Seattle (1973):

“Alguns anos atrás, nas Olimpíadas Especiais de Seattle, nove participantes, todos com deficiência mental ou física, alinharam-se para a largada na corrida dos 100 metros rasos. Ao sinal, todos partiram, não exatamente em disparada, mas com vontade de dar o melhor de si, terminar a corrida e ganhar. Todos, com exceção de um garoto, que tropeçou no asfalto, caiu rolando e começou a chorar. Os outros oito ouviram o choro. Diminuíram o passo e olharam para trás. Então eles viraram e voltaram. Todos eles. Uma das meninas, com Síndrome de Down, ajoelhou, deu um beijo no garoto e disse: “Pronto, agora vai sarar”. E todos os nove competidores deram os braços e andaram juntos até a linha de chegada. O estádio inteiro levantou e os aplausos duraram muitos minutos. E as pessoas que estavam ali, naquele dia, continuam repetindo essa história até hoje.”

(COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. NITEROI , RJ)

Com o planejamento da educação física escolar sendo centrado sobretudo em aulas cooperativas, creio que ao longo do tempo o padrão deixe de ser a ânsia pelo primeiro lugar. Passará a ser a capacidade dos alunos mais habilidosos em auxiliar os menos aptos para um dado movimento; como também uma maior satisfação pelas atividades físicas por si só. A conquista da medalha e a comparação entre os alunos ficarão em segundo plano. A vitória sobre as próprias limitações e o sucesso serão vivenciados por todos de forma interativa e não comparativa.

Como foi abordado ao longo desta discussão, a prática esportiva pode contribuir no sentido de fazer com que o valor cooperação esteja presente no cotidiano das pessoas. A propósito, creio que seja interessante incluir neste trabalho a tabela de transição de um comportamento competitivo para uma conduta social mais cooperativa defendida por Orlick (1978). Paralelamente colocarei *em destaque* em termos esportivos e no meu entender, a categoria de comportamento, o tipo de orientação e a motivação principal.

Tabela 1. Competição → Cooperação

Categoria de comportamento	Orientação	Motivação principal
<ul style="list-style-type: none"> Rivalidade Competitiva. <p><i>Agressões verbais e físicas. Constante violação das regras.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Anti-Humanista <p><i>A vitória a qualquer preço.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Dominar o outro. Impedir que os outros alcancem seus objetivos. Satisfação em Humilhar o outro. <p><i>Desestabilizar o adversário. Machucá-Lo. Impedir que ele prossiga no jogo.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> Disputa Competitiva <p><i>Necessidade de competir. O adversário como o único parâmetro para o próprio progresso.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Dirigida para um objetivo (contra os outros) <p><i>A vitória nas estafetas, contestes, torneios e campeonatos.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> A competição contra os outros é um meio de atingir um objetivo mutuamente desejável, como ser mais veloz ou o melhor. O objetivo é de importância primordial, e o bem estar dos outros competidores é secundário. A competição às vezes é orientada para a desvalorização dos outros. <p><i>Troféus, medalhas, prêmios em dinheiro e bens materiais. Cada equipe procura tirar proveito na formulação da tabela; mesmo que a disputa fique desigual. A derrota do adversário por um placar acachapante não tem importância.</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> Individualismo <p><i>Desportos individuais. Caminhar, nadar, andar de bicicleta,..., sozinho.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Em direção ao ego <p><i>A satisfação pessoal.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Perseguir um objetivo individual. Ter êxito. Dar o melhor de si. O foco está em realizações, desenvolvimento e no aperfeiçoamento pessoal. Sem referência competitiva ou cooperativa a outros. <p><i>Conseguir executar um dado movimento. Auto superação. Ultrapassar distâncias e tempos por si só.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> Competição cooperativa <p><i>Saber ganhar e perder.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Em direção ao objetivo (levando em conta os outros) <p><i>Respeito entre os competidores.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> O meio para se atingir um objetivo pessoal que não seja mutuamente exclusivo; nem uma tentativa de desvalorizar ou destruir os outros. O bem estar dos competidores é sempre mais importante do que o objetivo extrínseco pelo qual se compete. <p><i>Realização de competições entre pessoas afins: colegas e amigos. A gozação após a disputa.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> Cooperação não competitiva <p><i>Cooperação mútua com uma meta comum.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Em direção ao objetivo (levando em conta os outros) <p><i>Trabalho em equipe visando o mesmo interesse.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Alcançar um objetivo que necessite de um trabalho conjunto e partilha. A cooperação com os outros é um meio para se alcançar um objetivo mutuamente desejado, e que é também compartilhado. <p><i>Andando ou correndo juntos, percorrer uma dada distância. De mãos dadas, virar cambalhota, correr pela quadra e saltar a corda.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> Auxílio cooperativo <p><i>Cooperação desinteressada, sem ser necessariamente recíproca.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Humanista altruísta <p><i>Humanista altruísta.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Ajudar os outros a atingir seus objetivos. A cooperação e a ajuda são um fim em si mesmas, em vez de um meio para se atingir um fim. Satisfação em ajudar outras pessoas a alcançarem suas metas. <p><i>Mostrar ao colega a forma correta de executar um fundamento do futebol, voleibol, basquetebol, etc. Auxiliar o companheiro a subir na árvore e encorajá-lo a saltar nos colchões. Reduzir o ritmo de corrida ou caminhada, a fim de estimular o colega mais lento, acompanhando-o.</i></p>

Entretanto mesmo as atividades físicas sendo desenvolvidas de maneira cooperativa, semi-cooperativa ou de forma não competitiva, alguns cuidados devem ser tomados de modo que o companheirismo entre os alunos exista de fato.

5.2- Situações que não podem ocorrer para que as Atividades Cooperativas, Semi Cooperativas e Não Competitivas realmente se efetivem nas aulas.

As brincadeiras e as atividades físicas em geral deixam as crianças eletrizadas. A vontade de participar é tanta, que por vezes não se dão conta dos colegas. Correm, saltam, dançam,..., por si mesmas. No afã de brincar “furam” a fila como se fosse algo normal. Igualmente reclamam do colega que atravanca a mesma ao tentar sem sucesso subir em uma árvore. Com certa frequência não consideram as dificuldades do outro; nem tão pouco procuram ajudá-lo. De acordo com a faixa etária transitam entre uma tendência para as atividades competitivas ou cooperativas. Aos 6 e 7 anos são mais competitivas e aos 4 e 8 mais cooperativas (Tani. et alii,1988).

Contudo, esta cooperação tem sido minimizada com o tempo pela predominância do estímulo competitivo no ambiente escolar; em particular nas aulas de educação física por meio dos contestes (disputas entre alunos posicionados em filas ou colunas) ou através das competições utilizando-se em geral os desportos mais comuns, ou seja, o futebol, o voleibol, etc.

Como o foco é o estímulo à cooperação, caberá ao professor de educação física coibir os “fura-filas”. Respeitar a vez do colega é uma maneira sutil de estimular a preocupação com o outro. Da preocupação com o outro a ser solidário a distância é menor; com a vantagem de estar sendo estimulada desde cedo. Do mesmo modo o professor deve chamar um ou dois alunos para auxiliarem o colega a subir na árvore.

No tocante aos alunos mais velhos, o “estrelismo” (exacerbação do eu) de um jogador atrapalha o rendimento do próprio time; este coloca o desempenho pessoal acima do desempenho do grupo. Mesmo em atividades cooperativas ou semi-cooperativas, onde o caráter competitivo inexistente ou é atenuado, a tentativa de ser o “cestinha” no basquete pode fazer com que um aluno não assista ao colega melhor colocado durante uma partida. A negligência na defesa é outra falha freqüente causada pelo estrelismo. Impedir a cesta e retomar a posse de bola não são tarefas tão agradáveis quanto converter um arremesso. Esta mesma análise pode ser feita no tocante ao futebol, no que diz respeito ao artilheiro.

A condição de “cestinha” ou artilheiro deverá acontecer de modo natural com o desenrolar da partida. O professor deve enfatizar a importância de um bom posicionamento, que permita um arremesso ou o chute com maiores chances. Da mesma maneira que somente uma habilidade para o basquete ou o futebol muito acima dos demais colegas justifica um maior contato da bola com o “cestinha” ou com o artilheiro. Neste caso sim, surge naturalmente a “estrela” e esta se impõe aos demais, até como uma forma de liderança baseada na competência técnica. Competência esta que deve ser usada muito mais para auxiliar na melhoria do padrão de jogo dos colegas do que para alimentar a vaidade do próprio estudante; evitando-se assim o surgimento do conhecido “mascarado”.

Da mesma forma ocorre com certa frequência, na tentativa de dominar a bola ou alcançar a vitória, iniciativas de burlar as regras dentro de um determinado desporto, assim como agressões verbais ou físicas que demonstram uma falta de respeito com o colega do outro time.

Não é saudável em qualquer ambiente esportivo que ofensas, agressões e violações das regras do jogo sejam recursos utilizados pelos alunos; estes deverão ser combatidos pelo professor com conversas. Nada contribuem para fortalecer a amizade entre os estudantes, muito pelo contrário. Descontração e gozação fazem parte, mas não falta de respeito.

No esporte, assim como na vida, existem regras e convenções a serem cumpridas com o objetivo de proporcionar uma melhor convivência entre as pessoas. Pode se jogar uma partida de um desporto qualquer pelas regras oficiais ou convencionadas pelo grupo participante. Estas existem para que as equipes adversárias participem através dos meios previamente acordados. O desrespeito às regras leva à eliminação das mínimas condições humanas de se empenhar pela vitória com lisura.

A existência do esporte competitivo sem o contraponto das atividades físicas de cunho cooperativo, semi-cooperativo ou ao menos não competitivo, dificulta no meu entender que tenhamos uma melhor compreensão do que venha a ser respeito e cuidado com o colega. Este fato acontece em virtude das atividades físicas competitivas terem obrigatoriamente o sucesso restrito a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Na lógica destas atividades o êxito não pode ser vivenciado por todos, só pelos vitoriosos. Assim sendo a rivalidade competitiva é inexorável; ninguém quer ser derrotado.

Portanto, cria-se o mito de que a competição é um fato inevitável da vida, parte da natureza humana (Kohn, 1992, p.8). Baseado neste raciocínio, se uma pequena

parcela da população vive abastada (“vencedores”) e uma outra em precaríssimas condições (“derrotadas”), isto faz parte da lógica da existência humana.

As atividades físicas de cunho cooperativo, semi cooperativo ou ao menos não competitivo, são uma excelente maneira de aproximar os alunos, evitando com isto a rivalidade competitiva, criando um ambiente saudável quando de qualquer disputa desportiva. Assim sendo, vitoriosos e vencidos surgem naturalmente sem que as regras do jogo sejam burladas e muito menos com algum tipo de violência entre os participantes.

Não é difícil perceber a relação entre o poder aquisitivo e a competição desportiva. Basta acompanhar um torneio ou campeonato de futebol, por exemplo, onde participem equipes de uma mesma cidade, porém de classes sociais distintas. Geralmente a diferença de classes sociais exacerba a disputa; até porque as oportunidades de convivência em um mesmo ambiente de crianças e jovens de classes sociais distintas praticamente inexistem. Frequentam escolas, clubes e residem em bairros diferentes.

Portanto, com todo o conjunto de regras, com toda a orientação dada por técnicos, professores de educação física ou mesmo pelo árbitro da partida, para o bom andamento da mesma, não é raro observar durante o jogo a violação das regras ou mesmo o uso da violência em busca da vitória a qualquer “preço”. Este fato comprova a íntima ligação entre modelo social e atividades esportivas. A equipe que representa um bairro ou comunidade de baixo poder aquisitivo tenta superar por todos os meios a equipe adversária. Por outro lado, aquela que contém jogadores de renda mais alta, tenta manter a qualquer custo a sua posição de destaque.

A luta de classes expressa-se também por meio das atividades físicas, pois não é raro que a equipe derrotada alegue que houve algum favorecimento, por parte da arbitragem ou da organização do evento ao time vencedor. Isto ocorre com maior frequência por parte da equipe de menor poder aquisitivo. Em razão das mínimas condições de vida de seus jogadores no dia a dia, mais uma vez sentem-se injustiçados em relação à equipe composta de jogadores de maior renda.

Por conseguinte, mesmo mesclando-se alunos de escolas diferentes na formação de equipes para um torneio ou campeonato, interessante se faz que não sejam de escolas de um mesmo nível de renda. Se assim for, não contribuirá para uma integração social mais efetiva.

A mesclagem sendo de alunos de um mesmo padrão de renda, a rivalidade será grande ainda. Duas escolas das classes A e B (milionários e ricos) misturam alunos e formam uma equipe. As classes C, D e E (classe média, pobres e indigentes) fazem o mesmo. Na hora da disputa ainda haverá uma rivalidade intensa. Será mais interessante se a classe A estiver com a D e a B com a C e a E. Times formados com alunos de classes sociais diferentes.

Terá que se buscar também um local comum para o encontro dos participantes e a efetivação dos jogos, pois os mesmos frequentam escolas, clubes, ruas, enfim ambientes diferentes. Acredito que venha a ser um trabalho gratificante o planejamento e a realização de uma competição nestes moldes, predispondo à uma convivência generalizada entre os alunos e desfazendo a lógica da sociedade de classes: os mais “competentes” na classe A, os não tão competentes na classe B, os menos competentes ainda na classe C e assim sucessivamente.

Do mesmo modo, ao final do torneio ou campeonato, não se deve limitar a premiação às primeiras colocações. Ao menos um certificado de participação à todos os alunos deve ser entregue. Neste virá enaltecido o esforço e a vontade de dar o melhor de si por parte dos estudantes. Isto demonstra também o respeito e a consideração por parte da organização do evento em relação a eles.

É possível que um evento neste molde suscite as seguintes indagações nos alunos, responsáveis e professores: será que a formação destas classes sociais deu-se de forma justa e natural? Todos tiveram acesso à educação, saúde, moradia, lazer, ..., de boa qualidade, de modo que pudessem participar do “campeonato de futebol da vida” em igualdade de condições? A tradicional competição escolar tem contribuído para aproximar os alunos ou mesmo estreitar as relações entre crianças e jovens de diferentes escolas e classes sociais?

Reflexões deste tipo podem, gradualmente, propiciar uma mudança de comportamento por parte das pessoas: de uma postura mais competitiva para uma mais cooperativa.

6-CONCLUSÃO

Embora o modelo capitalista venha sendo exaltado por muitos como o melhor modelo sócio-econômico em termos de implementar o desenvolvimento dos países em geral, é sabido também que várias destas nações ainda carecem e muito de justiça social. E esta falta de justiça social expressa-se em nosso dia a dia pela ausência de moradia, educação, saúde, lazer,..., de qualidade para uma boa parcela da população. Por outro lado, uma minoria vive em condições privilegiadas, estando esta situada justamente nos postos de comando destes países, onde o poder político e econômico encontra-se nas mãos desta pequena parcela.

Para que possamos construir uma sociedade mais justa e com oportunidade de melhoria social para todos, cabe a educação um papel de relevância no sentido de fomentar nas pessoas em geral uma maior preocupação com o outro, fazendo com que a cooperação entre elas seja uma prática comum.

A escola fazendo parte do conceito maior de educação tem muito a contribuir no esforço de construção de uma sociedade mais humana, contrapondo-se à desumanização inevitável do capitalismo selvagem, que exacerba a competição entre os indivíduos. Para tanto, deve fazer de sua prática educativa um incentivo constante à solidariedade entre os alunos. As provas individuais de cada disciplina devem ater-se muito mais no progresso do aluno em relação às avaliações anteriores, do que em comparações entre eles. Os trabalhos em grupo devem predominar em relação às provas individuais. São uma excelente forma de incentivo à cooperação entre os estudantes.

Na área da educação física em particular, o espaço às atividades físicas cooperativas, semi cooperativas ou não competitivas deve ser garantido. Desta maneira estas atividades servem de uma nova vivência de prática esportiva para os alunos baseada no estímulo à cooperação entre eles, servindo de alternativa aos contestes, torneios e campeonatos de futebol, basquete, volei,..., tão comuns na escola e que caracterizam a educação física escolar em diversas unidades escolares.

Assim sendo, se o professor vivenciar com os alunos a prática esportiva sob os dois enfoques (competitivo e cooperativo) se terá melhores condições de compará-los: qual o mais útil em termos humanos e sociais, qual o que garante o prazer coletivo sem impedir o pessoal.

7-METODOLOGIA UTILIZADA

Em se tratando de um trabalho não experimental, a metodologia utilizada para a elaboração desta monografia se baseou na revisão bibliográfica do tema, valendo-se do levantamento das referências pertinentes. Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, revistas, jornais e informação eletrônica disponível na internet. Frequentei universidades, bibliotecas públicas e aquela do Consulado do Canadá no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Conversas informais com professores e com outros profissionais que se ocupam do tema em questão também foram fonte preciosa de informação. Em uma particular ocasião, peguei emprestado com a professora Liliane Carvalho de Souza do departamento de corridas da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), uma coletânea de um encontro sobre os jogos cooperativos realizado no Serviço Social do Comércio (SESC) de Taubaté, São Paulo, em 1999. Discussões e atividades práticas constavam desta coletânea.

Nas pesquisas realizadas nas bibliotecas da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro(UERJ) na Cidade do Rio de Janeiro pouco material bibliográfico foi achado. Alguns artigos relativos ao tema foram encontrados em periódicos (revistas e jornais) consultados na UFRJ. Estes periódicos, em geral de publicação mensal, eram em sua maioria em língua inglesa. Na pesquisa dos periódicos concernentes ao tema foram utilizadas as seguintes palavras-chave em inglês: cooperation, cooperation and physical activities, solidarity e solidarity sport. Como existiam alguns periódicos em português, utilizei as mesmas palavras chaves em nosso idioma: cooperação, cooperação e atividades físicas, solidariedade e esporte solidário.

Na Biblioteca Nacional, na Cidade do Rio de Janeiro, o trabalho de pesquisa bibliográfica foi mais proveitoso. Foi lá que encontrei o livro “Vencendo a Competição”, do autor canadense Terry Orlick (1989). Juntamente com o livro “No Contest” de Alfie Kohn (adquirido via internet), foram os livros que maiores subsídios forneceram para a elaboração da presente monografia.

Em visita à Cidade de São Paulo, aproveitei para pesquisar na biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP). Nesta tentativa também fui bem sucedido. Encontrei alguns livros em português e inglês sobre o tema. Consegui também alguns artigos dos periódicos. O volume de material sobre o tema

desta biblioteca era maior do que o da UFRJ e UERJ. Ainda na cidade de São Paulo, visitei a biblioteca do consulado do Canadá, que dispunha de maiores recursos para o levantamento bibliográfico do que aquela do mesmo consulado no Rio de Janeiro (visitada em precedência).

Fui atendido por um funcionário muito prestativo, que dedicou duas horas do seu tempo pesquisando em internet material pertinente à pesquisa. Utilizou as palavras-chave citadas anteriormente para a busca em motores de pesquisa (Yahoo, Google, etc), em home pages específicas e por meio de alguns autores os livros publicados a respeito. Após o levantamento, forneceu-me o material de forma impressa.

A partir de então passei a estudar todo o material coletado, elaborando a presente monografia.

8-BIBLIOGRAFIA.

- 1) BARBIERI, Cesar. *Programa Esporte Educacional*. Ministério Extraordinário dos Esportes: (INDESP), 1995;
- 2) BROTTTO, Fábio Otuzi. *Jogos Cooperativos*. São Paulo: CEPUSP, 1993;
- 3) BURNETT, Darrell J. *Youth Sports and Self Esteem*. USA: Master Press, Indianapolis, IN 46214-, 1993;
- 4) FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983;
- 5) GIDDENS, Antony. *A Terceira Via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. Rio de Janeiro: Record, 1999;
- 6) GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika* - “ Novas idéias para o meu país e o mundo.” São Paulo: Círculo do Livro, 1987;
- 7) GORENDER, Jacob. *Marxismo sem Utopia*. São Paulo: Editora Ática, 1999;
- 8) ILLICH, Ivan. *Sociedade sem Escolas*. Petrópolis-RJ: Vozes-1985;
- 9) KEY, Wilson Bryan. *A Era da Manipulação*. São Paulo: Scritta Editorial, 1990;
- 10) KOHN, Alfie. *No Contest – The Case Against Competition*. USA New York: Houghton Mifflin Company, 1992;
- 11) LEGUET, Jaques. *As Ações Motoras em Ginástica Esportiva*. Rio de Janeiro: Biblioteca da UFRJ, 1987;
- 12) LOVISOLO, Hugo. *Educação Física: Arte da Mediação*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1995;
- 13) MILLMAN, Dan. *O Atleta Interior*. USA: Stillpoint Publishing, 1994;
- 14) OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. et al. *Cuidado, Escola!* São Paulo: Brasiliense, 1986;

- 15) ORLICK, Terry. *Vencendo a Competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989;
- 16) PEREIRA, Vanildo Rodrigues, SHIGUNOV, Viktor. *Pedagogia da Educação Física: o desporto coletivo na escola: os componentes afetivos*. São Paulo: IBRASA, 1993;
- 17) REES, C.R. et al. *Benefiting youth sport: college and volunteer coaches working together equally*. USA: Journal of Physical Education, recreation and dance, Jan 1991 27-31 p.
- 18) SILVA JUNIOR, Celestino Alves da. *A Escola Pública como local de trabalho*. São Paulo: Cortez Editora, 1990;
- 19) TANI, Go. et al. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU- Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- 20) TILLICH, Paul. *A Coragem de ser*. Rio de Janeiro : Paz e Terra , 3^a edição, 1976.
- 21) WALESA, Lech. *Um Caminho de Esperança*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

José Roberto Calçada Carvalho

Telefone: 21(85822101)

e-mail: jrcalcada@terra.com.br